

---

# *ENTREVISTA: LUCIANO SALDANHA COELHO, O “SUCESSOR DOS PROJETOS E SONHOS”*

---

Rodrigo Simon de Moraes<sup>48</sup>

Luciano de Jesus Gonçalves<sup>49</sup>

Nascido no Rio de Janeiro no final do ano de 1926, José Saldanha da Gama Coelho Pinto, ou Saldanha Coelho, como ficou mais conhecido, nem havia chegado à maioridade quando descobriu a vocação para as atividades com as quais atravessaria exatas oito décadas de vida: a escrita, o trabalho editorial e a política.

Criado na zona norte da então capital da República, contava ainda dezessete anos quando, aproveitando o tempo livre no trabalho como servidor público, fez correr por toda a repartição um pequeno jornal com reivindicações para os funcionários do antigo Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE).

Motivado pelo sucesso de *O Planeta* junto aos colegas do IPASE, o jovem e voraz leitor, admirador de Marcel Proust e entusiasta dos rumos da literatura brasileira, deu, aos 22 anos de idade, início à uma das mais emblemáticas publicações literárias da metade do século passado.

Inspirada na *Revue Blanche* francesa, com a qual colaborava o autor de *Em busca do tempo perdido*, a *Revista Branca* deve ser vista hoje não apenas como umas principais publicações voltadas aos estudos proustianos no Brasil, em torno dos quais reuniu nomes como Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda (1902 – 1982), Otto Maria Carpeaux (1900 – 1978), Tristão

---

<sup>48</sup> Doutorando em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Mestre em Língua, Literatura e Cultura Árabes pela Universidade de São Paulo - USP. E-mail: rodrigo.simon@hotmail.com

<sup>49</sup> Doutorando em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo – USP. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO. E-mail: lj\_goncalves@hotmail.com

de Athayde (1893 – 1903), Augusto Mayer (1902 – 1970) e Lúcia Miguel Pereira (1901 – 1959), mas também como ponto propulsor da carreira de então jovens escritores que viriam a se transformar em grandes nomes da literatura brasileira: Lygia Fagundes Teles (1923 - ), Hilda Hilst (1930 – 2004), Lucio Cardoso (1912 – 1968), Murilo Rubião (1916 – 1991), Samuel Rawet (1929 – 1984), Breno Accioly (1921 – 1966), entre tantos outros.

A militância literária de Saldanha Coelho, no entanto, aos poucos perdeu terreno para a militância político-partidária. À eleição como vereador na cidade do Rio de Janeiro seguiram-se outras duas, primeiro como Constituinte para o estado da Guanaraba, em 1960, e depois Deputado Estadual, em 1962, e, por fim, a prisão e cassação do mandato após o golpe militar de 1964.

Homem de seu tempo, os interesses literários de Saldanha Coelho sempre acompanharam sua trajetória política e pessoal. Em 1965, registrou a experiência do exílio, vivido ao longo de dois anos no Uruguai, no livro *Um deputado no exílio* (Rio de Janeiro: Leitura, 1965). Da tentativa de voltar à política, resultou o livro *O candidato: diário de uma campanha política* (Inédito). E, ao completar 65 anos, se voltou à experiência da terceira idade através do ensaio *Envelhecer e ser feliz* (Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1991), vencedor do Prêmio José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras e com segunda edição datada de 2001.

O foco sempre voltado ao presente não fez, no entanto, que Saldanha Coelho descuidasse do passado. Ao único filho, legou a guarda do registro histórico impresso nas páginas da *Revista Branca*, como sinaliza na dedicatória de seu último livro: “para o querido Luciano, filho tão desejado, sucessor dos meus projetos e dos meus sonhos”.

Nós estivemos no Rio de Janeiro para entrevistar o advogado, professor de Teoria do Direito e membro da Academia Brasileira de Filosofia (ABF), onde ocupa a cadeira 37, Luciano Saldanha Coelho, que guarda hoje o acervo das trinta e duas edições da *Revista Branca*.

**Pergunta:** Como você definiria seu pai?

**LSC:** Não saberia defini-lo, mas posso afirmar que ele foi o que os gregos antigos chamavam de *spoudaios*, o homem maduro. Todas as coisas que realizou em vida, ele o fez plenamente, seja como escritor, editor, jornalista, político e educador. Uma vez Dinah Silveira de Queiros escreveu que meu pai era um jovem escritor “amadurecido, unindo com rara felicidade uma profundidade de espírito pouco conhecida nos moços à naturalidade de rapaz”.

Como escritor, começou cedo aos 20 anos, quando lançou em 1946 seu primeiro livro de contos, *Fatos e Boatos*. Dois anos depois, em 1948, fundou a *Revista Branca*, com um grupo de jovens escritores, seus companheiros na Faculdade Nacional de Filosofia.

Como político, iniciou sua carreira aos 32 anos, em 1958, quando foi eleito suplente de Vereador pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em 1960, foi eleito deputado à Assembleia Constituinte da Guanabara. Neste mesmo ano, foi escolhido Líder do PTB, permanecendo na liderança do partido durante seus dois mandatos de Deputado. Em 1962, foi reeleito Deputado Estadual pelo PTB, obtendo, à época, 40.019 votos, a maior votação já verificada no Partido, em todos os Estados. Durante todos os anos em que liderou o PTB, foi também o Líder da Oposição ao Governo da Guanabara, comandado por Carlos Lacerda.

Em 1964, teve seus direitos políticos e seu mandato de Deputado cassados, tendo ido para Montevidéu, Uruguai, onde escreveu o livro *Um Deputado no Exílio*, retornando ao Brasil em 1965. Este livro além de contar como se deu a sua cassação e o seu exílio é também uma advertência de que a luta política deve se dar por meios pacíficos e de acordo com os processos jurídicos e democráticos. Em outras palavras, ele acreditava que a emancipação nacional brasileira só poderia ocorrer dentro do Estado democrático de Direito e nunca com a sua ruptura, seja de direita ou de esquerda.

O seu retorno à vida política se deu em 1982, quando novamente se candidatou a Deputado Federal pelo PTB. Apesar de não ter sido eleito, a campanha de 82 foi muito importante, pois dela nasceu o livro *O candidato: diário de uma campanha política*. Mais que o testemunho da referida campanha, este livro é um relato da vida do meu pai, uma reunião de episódios de sua história, vivida e recriada sob a inspiração de alguns fatos que aconteceram durante a campanha.

**Pergunta:** Isso nunca foi publicado?

**LSC:** Este livro nunca foi publicado; é um material inédito.

**Pergunta:** A atuação dele na política e a atuação dele como escritor e editor têm um ponto de contato? Essas vidas se encontram?

**LSC:** Sim. Um bom exemplo disso está exposto no livro *O candidato*, que traduz experiências por ele vividas e que resultaram na simbiose do candidato, que sai de uma campanha eleitoral, com o escritor que nele renasce para dar-lhe o sopro de vida de um personagem. Confundem-se no livro as duas pessoas distintas do autor: o ficcionista de contos e romance e o analista político da realidade brasileira.

**Pergunta:** A entrada de Saldanha Coelho na vida política coincide com o fim da *Revista Branca*. Você acha que a vida política acabou influenciando o fim da revista, o afastou da literatura?

**LSC:** A vida política afastou-o da literatura ficcional, mas aproximou-o da memorialística. Ele escreve em 1965 *Um deputado no exílio* e depois em 1982/1983, *O candidato: diário de uma campanha política*. Por fim, sua carreira como escritor se encerrou com o livro *Envelhecer e ser feliz*, que é uma mensagem de otimismo e de força para pessoas da terceira idade. Ele critica, neste livro, o que denominou “mundo paralelo”, este mundo insensível e desumano em que as pessoas da terceira idade são rejeitadas.

**Pergunta:** E você costuma ler o que ele escreveu?

**LSC:** A minha relação com a obra do meu pai tem duas fases. A primeira, quando, após ler seus livros, eu conversava com ele sobre a origem de suas histórias e as curiosidades que surgiam durante a leitura. A segunda fase, quando – após seu falecimento - busco reviver e relembrar a experiência desse diálogo entre pai e filho.

**Pergunta:** E isso vale também para o que ele editou, o que ele organizou, por que a *Revista Branca* expõe muito do idealismo de Saldanha Coelho, não?

**LSC:** Sim, eu sempre lia (e continuo lendo) os artigos da *Revista Branca* e também os livros por ela lançados. A *Revista Branca* foi caracterizada desde a sua fundação pela ampla liberdade de expressão e crítica literária destemida. O programa por ela traçado foi o de lançar novos autores e traduzir para o português importantes obras da literatura estrangeira. Nos seus dez anos de existência a *Revista Branca* foi uma das mais importantes revistas literárias do Brasil, abrangendo diversos gêneros: poesia, conto, romance, teatro, ensaio, crítica, história literária e biografia.

**Pergunta:** Não há, hoje, um grande interesse, especialmente na Universidade, sobre a *Revista Branca* ou o trabalho do seu pai. Que você acha disso?

**LSC:** Vivemos hoje em uma sociedade em que nem sempre o que tem valor é valorizado. E um exemplo disso é exatamente essa falta de interesse pela *Revista Branca* e pelo trabalho do meu pai e de tantos outros autores.

**Pergunta:** A impressão que nós temos é que Saldanha Coelho tinha uma visão de negócios muito bem apurada. Cada edição da *Revista Branca* trazia na orelha anúncio sobre as próximas edições ou sobre algum livro dele. Na edição de *O Pátio*, por exemplo, ele coloca na quarta capa uma crítica de Sérgio Buarque de Holanda que não é nada favorável. “Saldanha Coelho tentou uma renovação do gênero, sem ter obtido grandes resultados”. Mas ainda assim ele publica a crítica, talvez consciente da importância de Sérgio Buarque de Holanda?

**LSC:** Meu pai organizou muito bem a *Revista Branca*. Quanto às manifestações sobre a sua obra, ele não temia críticas e nem se embriagava com elogios. Ele fazia o que achava certo e muitas vezes valorizava a crítica, como no mencionado caso. Lembro-me de um comentário do escritor Herberto Salles que bem resumiu a obra do meu Pai: aqueles que entram no seu mundo literário podem sentir “os poderes da magia interior” desencadeados pelo “clima de poesia” de seus escritos.

### **Bibliografia básica**

COELHO, Saldanha. (Org.). *Antologia de contos de escritores novos do Brasil*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1949. [Contos]

\_\_\_\_\_. (Org.). *Proustiana Brasileira*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1950. [Ensaio]

\_\_\_\_\_. *Mural*. Rio de Janeiro. Revista Branca, 1951. [Contos]

\_\_\_\_\_. *O pátio*. Rio de Janeiro. Revista Branca, 1953. [Contos]

\_\_\_\_\_. (Org.). *Modernismo: estudos críticos*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1954. [Ensaio e textos diversos]

\_\_\_\_\_. *Contistas brasileiros – Antologia (português-inglês)*. Rio de Janeiro. Revista Branca, 1957. [Contos]

\_\_\_\_\_. *Contistas brasileiros – Antologia (português-francês)*. Rio de Janeiro. Revista Branca, 1958. [Contos]

\_\_\_\_\_. *Contistas brasileiros – Antologia (português-italiano)*. Rio de Janeiro. Revista Branca, 1959. [Contos]

\_\_\_\_\_. *Carrossel*. Rio de Janeiro. Ed. O cruzeiro: 1960. [Contos]

\_\_\_\_\_. *Um deputado no exílio*. Rio de Janeiro. Ed. Leitura: 1968. [Crônica política]

Recebido em 30/09/2018.

Aceito em 05/12/2018.